

AS MILHAS, AS DISTÂNCIAS E OS LUGARES DE HANS STADEN, NO BRASIL

Victor José Mendes Cardoso

Introdução

Este texto busca analisar os trajetos e os lugares por onde o aventureiro alemão Hans Staden passou, no Brasil, conforme narrado nos dois livros de sua obra “*A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens, encontrados no novo mundo, a América, e desconhecidos antes e depois do nascimento de Cristo na Terra de Hessen, até os últimos dois anos passados, quando o próprio Hans Staden de Homberg, em Hessen os conheceu, e agora os traz ao conhecimento do público por meio da impressão deste livro*”, cuja primeira edição foi publicada em Marburg (Alemanha), em 1557. O primeiro livro narra as duas viagens que ele fez à América, a primeira como tripulante de uma embarcação portuguesa e a segunda num navio espanhol. Na primeira viagem, de Abril de 1547 a Outubro de 1548, Staden chegou a Pernambuco, seguindo posteriormente até o Rio Grande do Norte, de onde retornou à Europa. Na segunda viagem, repleta de contratemplos, Staden acabou aportando em Paranaguá (PR) em Novembro de 1549, de onde seguiu até Santa Catarina. Após dois anos nesse local, rumou para o norte vindo a naufragar no litoral de Itanhaem (SP), onde foi acolhido pelos portugueses em São Vicente. Ali, Staden entrou a serviço de Portugal, sendo contratado como artilheiro numa fortificação na ilha de Santo Amaro, ao lado de Bertioga, que na época servia como escudo para proteger os vicentinos das incursões dos tupinambás, inimigos dos portugueses. Capturado em Janeiro de 1554 pelos tupinambás, Staden permaneceu como prisioneiro dos índios até Outubro daquele ano, quando finalmente conseguiu retornar à Europa num navio francês. O segundo livro reúne relatos dos usos e costumes dos tupinambás conforme observados por Staden durante os nove meses de cativo.

O objetivo do texto é, a partir da análise da narrativa de Staden, tentar identificar os locais por onde ele esteve no Brasil e, principalmente, o local de seu cativo. Para tanto nos baseamos principalmente na tradução de Pedro Sussekind, publicada pela Dantes Livraria e Editora, 5ª Edição, Rio de Janeiro (2004), bem como na tradução de Albert Loefgren, da Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro (1930). Em um ou outro caso de discrepância entre as duas traduções, recorreremos ao texto original, digitalizado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, disponível em <https://archive.org/details/staden>. Longe de buscar respostas definitivas, o objetivo é levantar pontos de discussão sobre as exatas localizações dos lugares visitados por Hans Staden no Brasil, questão essa relativamente pouco abordada na literatura e nos sites da internet.

A primeira viagem e a *milha* de Staden

Staden embarcou em Bremen (Alemanha), em 1547, chegando a Setúbal (Portugal) quatro semanas depois. Dali seguiu para Lisboa, de acordo com o texto localizada a cinco milhas de distância. O “Mapa de Portugal Antigo e Moderno” (1), estima em 6 léguas a distância entre Lisboa e Setúbal. Considerando-se que uma légua terrestre antiga vale cerca de 6,6 Km (2), então Lisboa distaria aproximadamente 40 Km de Setúbal. Se transformarmos essa distância em “milhas”, e considerando a distância de 5 milhas referida por Staden entre essas duas localidades, podemos supor que 1 “milha” equivaleria a aproximadamente 8 Km. A milha alemã, por sua vez, valia cerca de 7,4 Km, mas havia variações regionais. Assim, por exemplo, na região de Hessen (Alemanha) – de onde vem Hans Staden – 1 milha corresponderia a 9,2 Km (3). Então, afinal, qual teria sido o valor da “milha” de Hans Staden?

Staden relata que zarpou de Lisboa, nesse mesmo ano de 1547, com destino ao Brasil, aonde chegou em 28 de janeiro do ano seguinte, aportando em Pernambuco numa colônia referida como Marin (Olinda). Desse local, Staden foi até a localidade de Igaráçu, que estava sendo atacada por índios, a uma distância de “cinco milhas do porto de Marin”, incluindo duas léguas (mais ou menos 13 Km) terra adentro. Esse porto de Marin deve corresponder ao antigo ancoradouro de Olinda, que era protegido pelo forte de São Francisco, na praia de São Francisco (4). Dessa praia, onde ficaria o antigo ancoradouro, Staden navegou aproximadamente 31 Km – distância estimada a partir da ferramenta “calculador de distâncias” (5) – adentrando o canal da ilha de Itamaracá até a praia nas proximidades da atual localidade “sítio do Marcos”, em Igaráçu (PE). Se assumirmos que essa distância corresponde a cerca de 3,6 milhas (distância entre Olinda e Igaráçu, descontando-se a parte terrestre), cada milha valeria 8,6 Km.

Numa passagem mais adiante, já em sua segunda viagem à América, Staden narra sua participação numa expedição guerreira dos tupinambás – que o haviam capturado – ao território de seus inimigos, os tupiniquins. Nesse episódio, Staden relata sua intenção de fugir de seus captores tão logo alcançassem uma localidade chamada *Boywassu kange*, identificada nos textos como Boiçucanga, vila situada entre Bertioga (SP) e São Sebastião (SP), situada “a apenas seis milhas de distância do lugar” onde foi aprisionado, segundo o texto. Se considerarmos que Staden foi capturado nas proximidades do canal de Bertioga – em cuja embocadura situava-se a fortificação onde Staden servia – e que a distância por mar entre esse ponto e a atual praia de Boiçucanga pode ser estimada em cerca de 52 Km, uma “milha” também corresponderia a mais ou menos 8,6 Km. Enfim, descontando-se erros de estimativa, cada “milha” de Staden deve valer algo entre 8 (valor da menor estimativa) e 9,2 Km (milha

germânica na região de Hessen). Para evitar muitos cálculos, resolvemos então assumir um valor mediano entre esses dois, o que significa 8,6 Km para cada milha referida por Staden, valor esse que coincide com duas das estimativas mencionadas anteriormente.

Deixando Olinda, Staden teria navegado 40 milhas sentido norte, até um porto denominado *Buttugaris* (Potiguaras), onde os portugueses teriam travado combate com um corsário francês, porto esse tradicionalmente alocado no atual estado da Paraíba (6). Entretanto, considerando-se o valor de 8,6 Km por milha, bem como a distância referida por Staden (40 milhas), isso daria um percurso de cerca de 344 Km a partir de Olinda, o que iria dar em algum ponto do litoral do atual Estado do Rio Grande do Norte, entre as localidades de Cajueiro (RN) e Touros (RN). Com o barco danificado, o capitão decidiu retornar a Portugal, mesmo porque o arquipélago de Cabo Verde, a noroeste, estaria mais próximo do que São Vicente, ao sul.

Staden em Santa Catarina

Em sua segunda viagem à atual América do Sul, que naquela época era apenas América, Staden partiu em 1549 como membro da tripulação de uma esquadra espanhola composta por três navios com destino ao Rio da Prata, de onde pretendiam seguir ao Peru. Em Novembro daquele ano o barco de Hans Staden, desgarrado dos demais, aportou numa enseada chamada *Supragui*, que corresponderia à ilha de Superagui na entrada da baía de Paranaguá (PR), “localizada a cerca de 18 milhas” (155 Km) ao sul da ilha de São Vicente, distância essa inferior à estimada entre a extremidade sul da ilha Superagui e a ilha de São Vicente (cerca de 254 Km). Dois portugueses, que viviam entre os índios na enseada de Superagui, informaram aos espanhóis que a ilha de Santa Catarina – onde Staden esperava reencontrar os outros navios da esquadra – ficava “a cerca de 30 milhas ao sul” de onde se encontravam. Entre o sul da ilha Superagui (25°28’30’’S, 48°13’44’’W) e o norte da ilha de Santa Catarina (altura de Canasvieiras) estimamos a distância aproximada de 215 Km por mar, o que equivaleria a 25 milhas (sempre considerando a relação 8,6 Km/milha), o que uma diferença de cinco milhas em relação à distância informada pelos portugueses.

Da ilha de Superagui Staden navegou sentido sul rumo à ilha da Santa Catarina, na latitude de “28 °S”, onde teria chegado em 25 de Novembro de 1549, dia de Santa Catarina. Lá foram informados de que estavam na “enseada de Jurumirim”, que corresponderia à entrada norte do canal entre a ilha de Santa Catarina e o continente (7), ponto esse situado a aproximadamente 27° 25’ S. Após três semanas, tendo chegado a nau capitânia da frota – a terceira nau desapareceu – decidiu-se continuar a viagem, pois, conforme o texto, ainda havia 300 milhas (cerca de 2700 Km) para velejar, o que seria suficiente para chegar até Assunção

navegando até a embocadura do Rio da Prata, e depois subindo os rios da Prata, Paraná e Paraguai. Entretanto, devido ao naufrágio de um dos dois navios restantes, o grupo teria ficado retido por dois anos na ilha de Santa Catarina. Finalmente, dividiram-se em dois grupos: um seguiria por terra até Assunção; enquanto que o outro tentaria chegar até lá por mar, mas esses acabaram optando por navegar rumo norte até São Vicente, já nos domínios de Portugal, onde pretendiam conseguir outra embarcação para retomar a viagem ao rio da Prata. No início do capítulo 12, Staden menciona que a província de São Vicente (*Upau-nema* ou *Urbioneme*) “estava localizada a aproximadamente 70 milhas de distância” do local onde se encontravam (supostamente a Ilha de Santa Catarina). Continuando seu relato, Staden esclarece que deixaram a enseada onde se encontravam, *Imbeça-pe* ou *Inbiassape*, “posicionada a 28 graus e meio de latitude sul”, alcançando a Ilha dos Alcatrazes, distante 40 milhas ao norte. Supondo-se que Staden tenha medido com relativa precisão a latitude, isso equivale a dizer que eles se encontravam em Laguna (SC), e não na Ilha de Santa Catarina. Ademais, a distância estimada entre a Ilha de Santa Catarina e a ilha de São Vicente foi de mais ou menos 460 Km (53 milhas), enquanto que o percurso entre a enseada de Laguna e a mesma ilha de São Vicente daria algo em torno de 600 Km (70 milhas) de navegação, valor esse condizente com a narrativa de Staden. Portanto, Staden teria ou se deslocado da ilha de Santa Catarina até Laguna, mais ao sul, ou passado dois anos, não na ilha de Santa Catarina, mas sim em Laguna. Além disso, partindo de Laguna e navegando 40 milhas (344 Km) sentido norte, chegaremos à altura da barra de Paranaguá, onde se acredita estaria a ilha dos Alcatrazes, conforme nota no livro analisado.

Staden entre os tupinambás

Da ilha dos Alcatrazes, Staden continuou rumo norte, vindo a naufragar à altura de uma localidade chamada *Itenge-Ehm* (Itanhaem), localizada, de acordo com o texto, a “duas milhas” de São Vicente, distância essa provavelmente subestimada considerando-se que a distância em linha reta entre a barra do rio Itanhaém e São Vicente é de aproximadamente 48 Km (mais de 5 milhas).

Em São Vicente, Staden foi bem recebido pelos portugueses, que o contrataram como artilheiro num forte situado à entrada do canal de Bertioga e que tinha por finalidade proteger os vicentinos de ataques dos índios tupinambás – inimigos dos portugueses – que viviam mais ao norte do litoral. De acordo com Staden, a localidade de *Brikioka* (Bertioga) ficava a 5 milhas de São Vicente. De fato, partindo do ponto onde se situava a antiga vila de São Vicente (23°58'16,7''S, 46°22'35,6''W), estimamos uma distância de aproximadamente 41 Km (quase

5 milhas) até Bertioga, indo pelo estuário de Santos (entre as ilhas de São Vicente e Santo Amaro) e seguindo pelo canal que separa a Ilha de Santo Amaro e o continente.

Staden permaneceu alguns meses como artilheiro na fortificação situada na extremidade da Ilha de Santo Amaro, na margem do canal de Bertioga oposta àquela onde fica o forte São João, quando, ao sair sozinho para caçar, foi cercado e capturado pelos tupinambás. Segundo o texto, Staden foi capturado na própria ilha de Santo Amaro, não muito longe do forte onde servia. Os tupinambás devem ter aportado na ilha pelo lado voltado ao Atlântico, uma vez que é feita menção a uma ilha pequena – provavelmente a ilha do Guará – onde os índios pretendiam caçar aves marítimas (*uwara = guará*). Capturado provavelmente nas primeiras horas do dia (talvez entre 6 e 8 horas), Staden foi levado de canoa pelos índios até sua aldeia, *Uwattibi* (Ubatuba), distante “cerca de 30 milhas” do local onde ele havia sido capturado. Doravante conservaremos a grafia original, *Uwattibi*, para evitar confusão com o termo “Ubatuba”, nome de um município do litoral norte paulista. Staden relata que a viagem durou três dias, com duas pernoites. Estimando-se que os tupinambás, considerados excelentes remadores, remaram entre 30 e 32 horas até *Uwattibi*, e considerando-se a mencionada distância de 30 milhas entre Bertioga e a aldeia tupinambá, é possível que tenham navegado a uma velocidade média de cerca de 1 milha (8,6 Km) por hora, o que é um valor plausível, considerando-se que, além do muito ligeiras, cada canoa podia comportar 20, 30 ou mais remadores (8). Em relação a isso, num trecho do relato (cap. 41), Staden menciona que, numa expedição guerreira dos tupinambás a Bertioga, cada canoa era ocupada por 18 homens.

A primeira parada teria ocorrido por volta das quatro horas da tarde (pela posição do sol, de acordo com o relato), em uma ilha não especificada, mas que poderia ser, por exemplo, a ilha das Couves, a cerca de 42 Km (5milhas) de distância, ou a ilha do Toque Toque grande, a mais ou menos 64 Km (7,4 milhas), ambas no município de São Sebastião (SP). Essas distâncias foram estimadas navegando-se a cerca de 2 Km da orla e, considerando-se uma velocidade de aproximadamente 1 milha/hora, são compatíveis com o intervalo de tempo entre a parada (16:00 h) e o provável horário de saída de Bertioga (entre 9:00 e 12:00 h), lembrando que nesse primeiro trecho a velocidade pode ter sido maior, já que os tupinambás foram perseguidos durante algum tempo pelos tupiniquins, aliados dos portugueses. Pelo que se depreende do texto, deve ter havido um intervalo de pelo menos 2 ou 3 horas entre a captura e saída das canoas com seu prisioneiro.

A primeira parada também poderia ter sido na ilha de São Sebastião, distante entre 73 e 76 Km de Bertioga, mas, se fosse o caso, provavelmente o nome da ilha (*Maembipe*) teria sido citado por Staden, como em outros trechos da narrativa. No capítulo 41, por exemplo, Staden,

acompanhando os tupinambás numa excursão bélica, informa que a ilha de São Sebastião ficava, no máximo, a 10 milhas de Bertioğa ou “um dia de viagem”. Além disso, chama a atenção o fato dos tupinambás não acharem prudente pernoitar na ilha, fazendo-o no continente. Essa precaução se justificaria em se tratando de local relativamente pequeno (como a ilha do Toque Toque grande), mas nem tanto no caso da ilha de São Sebastião, cuja área supera 337 Km².

No segundo dia, segundo o relato, os índios remaram praticamente o dia todo, o que deve corresponder a algo em torno de 12 horas de navegação, ou seja, um avanço de aproximadamente 12 milhas (104 Km), de acordo com nossas estimativas. Sem se afastar mais do que 4 ou 5 Km da costa, isso seria suficiente para atingir as praias de Picinguaba ou Camburi, no atual município de Ubatuba (SP). Traçando-se um percurso mais retilíneo, poderíamos alcançar a praia de Trindade, já no município de Parati (RJ).

A chegada à aldeia de Uwattibi deu-se ao final da tarde do terceiro dia, após um avanço de mais 12 milhas, aproximadamente. Dependendo do itinerário, a partir da praia de Camburi, por exemplo, com essa distância é possível atingir a vila de Conceição de Jacareí, na divisa entre os municípios de Angra dos Reis (RJ) e Mangaratiba (RJ), ou a enseada de Mangaratiba, se tivermos partido de Trindade. Numa costa bastante recortada, a enseada de Mangaratiba é aquela que abriga o ancoradouro e aonde se localiza o principal núcleo urbano do município (9).

Por outro lado, considerando-se que Staden não menciona qualquer acidente geográfico nas imediações da aldeia, exceto que as canoas foram puxadas para “bem perto da praia” e que as cabanas ficavam num morro, a rigor, qualquer aldeia situada nas baías de Ilha Grande ou Sepetiba poderia ser candidata a Uwattibi. Entretanto, Staden cita algumas distâncias que podem servir de referência para a localização da aldeia:

- De Uwattibi à aldeia de *Mambukabe* (Mambucaba) havia 4 léguas (entre 26 e 27 Km) e, pelo que se depreende do texto, tal estimativa refere-se a um trajeto por terra.

- Uwattibi ficava ao norte de Mambucaba, já que o texto menciona (cap 31) que, após terem atacado Uwattibi numa incursão ao território inimigo, os tupiniquins na volta atacaram a aldeia de Mambucaba que, portanto, devia ficar entre Uwattibi e as terras dos tupiniquins mais ao sul.

- Staden viajou com os índios até uma aldeia chamada *Tickquarippe* (Ticoaripe), onde um prisioneiro dos tupinambás seria sacrificado, situada a aproximadamente 6 milhas, de barco, de Uwattibi. Identifica-se Ticoaripe com a atual vila de Taquari, ao norte da cidade de Parati (RJ) e a oeste de Mambucaba.

- No retorno de uma expedição ao território dos tupiniquins, os tupinambás passam por uma “serra alta”, chamada *Occarasú* (Ocaruçú), “não muito afastada da terra dos tupinambás”. Esse local é identificado hoje com o pico do Cairuçú ou Cairuçú das Pedras, na península de Juatinga, promontório que representa a entrada sul da baía de Ilha Grande.

- Uma nau francesa teria ancorado numa enseada, *Iterwenne* ou *Iteronne* (Niterói), identificada como a baía da Guanabara e localizada a cerca de “8 milhas”, portanto quase 70 Km, de Uwattibi. Desse local, os franceses teriam ido de bote até a aldeia aonde estava Staden, para comerciar com os índios.

A partir dessas indicações, procurou-se um ponto que satisfizesse as distâncias assinaladas em relação a Mambucaba e Taquari. Da vila histórica de Mambucaba, seguindo por terra cerca de 26 Km (4 léguas), sentido litoral norte, teremos alcançado a enseada do Ariró, na baía da Ribeira, Angra dos Reis (RJ), em cujo fundo temos a barra do rio Ariró. Nessa região, acredita-se, ficava a aldeia de Cunhambebe, grande chefe tupinambá. Por sua vez, da vila de Taquari até a barra do Ariró, contornando-se a costa sem se afastar mais do que 1 Km, temos uma distância por mar de aproximadamente 46 Km, o que é condizente com a distância de 6 milhas mencionada no texto. Ademais, a distância estimada entre a barra do Ariró e Bertioga é totalmente compatível com as 30 milhas (260 Km) assinaladas por Staden. Alguns trabalhos (10) mencionam que a aldeia de Staden ficava na enseada de Mangaratiba, local esse que também seria compatível com a distância de 30 milhas em relação a Bertioga, como sugerido acima, mas não com as distâncias referentes a Taquari e Mambucaba.

Por outro lado, permanece uma inconsistência em relação à distância presumida entre Uwattiba e a enseada do Rio de Janeiro ou Niterói que, conforme o texto, seria de mais ou menos 8 milhas (70 Km). Usando-se como referência a ilha de Cotunduba, à entrada da baía de Guanabara, sua distância por mar até o fundo da enseada de Mangaratiba pode ser estimada em cerca de 110 Km (quase 13 milhas), passando por fora da restinga de Marambaia (extensa faixa de areia, que delimita ao sul a baía de Sepetiba). Já a distância entre a barra do Ariró e a entrada da baía de Guanabara é maior ainda, algo em torno de 140 Km (16 milhas).

Pouco antes de sua libertação – Staden partiu do Rio de Janeiro em 31 de Outubro de 1554, numa embarcação francesa – o aventureiro alemão foi dado de presente ao chefe *Abbatibossange* (Abati-poçanga), sendo levado para a aldeia de *Tackwara sutibi* (Taquaraçu-tiba). Nas palavras de Staden “ – *Havia cerca de 14 dias que eu estava em Taquaraçu-tiba...quando alguns selvagens vieram dizer que tinham ouvido um tiro*”, possivelmente vindo da enseada de Niterói, segundo o texto. De fato, era um navio francês recém-chegado a Niterói, cujo comandante logo ficou sabendo da presença do alemão em Taquaraçu-tiba, enviando, poucos

dias depois de sua chegada, dois tripulantes e alguns chefes indígenas locais à aldeia. Então, convencido de que iria receber presentes, Abati-poçanga levou Staden até o navio francês, provavelmente em botes ou canoas, mas o texto é omissivo nesse ponto. O que se pode deduzir da leitura desse capítulo (cap. 51) é que, em comparação com Uwattibi, essa aldeia deveria estar bem mais próxima do Rio de Janeiro. Teria Staden, ou aquele que transcreveu seu depoimento, cometido algum engano ao mencionar uma possível distância entre Taquaraçú-tiba e a enseada do Rio de Janeiro como sendo a distância entre Uwattibi e aquela enseada? A distância de 8 milhas entre Uwattibi e o Rio de Janeiro seria incorreta? Teria a nau francesa que levou Staden de volta, *Catherine de Vatteville*, ancorado inicialmente mais ao sul da baía da Guanabara? Atendo-se à distância de 8 milhas (70 Km), partindo-se da ilha Cotunduba no sentido sul e cortando a restinga de Marambaia na altura da barra de Guaratiba, poderemos chegar até o trecho entre Sepetiba e a barra do Rio Guandu, na baía de Sepetiba, distante cerca de 32 Km em linha reta da enseada de Mangaratiba.

Considerações finais

Enfim, levando-se em conta que as estimativas das distâncias mencionadas por Staden não nos permitem precisar, mas tão somente sugerir, o local de seu cativo, essa questão fica no aguardo de novas evidências arqueológicas e/ou documentais. Logicamente uma pesquisa mais aprofundada poderia eliminar ou reduzir o caráter por vezes especulativo – ainda que totalmente embasado na leitura da obra de Staden – deste texto, o qual pretende apenas contribuir para a discussão do tema, que envolve aquele que foi provavelmente o primeiro cronista do Brasil menino. Em todo caso, fica o convite, àqueles que ainda não tiveram a oportunidade de fazê-lo, para lerem o interessantíssimo livro de Hans Staden e, se for o caso, tirarem suas próprias conclusões.

Referências

1. Castro, J. B. Mappa de Portugal Antigo e Moderno. Officina Patriarcal de Francisco L. Ameno, Lisboa, 1758. https://books.google.pt/books?id=nxBQAAAACAAJ&pg=RA1-PA33&lpg=RA1-PA33&dq=antigos+caminhos+entre+setubal+e+lisboa&source=bl&ots=9IMwtuPZ2b&sig=jERUXDclwxyJPs9DcL3VYU6uNg0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi1_cDekPvKAhXdfpAKHay8C2sQ6AEIKTAD#v=onepage&q=antigos%20caminhos%20entre%20setubal%20e%20lisboa&f=false. Acessado em 20 de Fevereiro de 2016.

2. Wikipedia, “Légua”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9gua>. Acessado em 25 de Fevereiro de 2016.
3. Wikipedia, “Obsolete German units of measurement”.
https://en.wikipedia.org/wiki/Obsolete_German_units_of_measurement. Acessado em 18 de Fevereiro de 2016.
4. Tonera, R. O forte de São Francisco de Olinda.
http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=248. Acessado em 15 de Fevereiro de 2016.
5. Google® Maps. <http://www.abul.com.br/abul/rotas/>. Acessado em 27 de Fevereiro de 2016.
6. Meira, D. Canibalismo tupinambá: um discurso para escravização.
http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338394115_ARQUIVO_CanibalismoTupinamba.pdf . Acessado em 15 de Fevereiro de 2016.
7. Farias, B.M. História x Atualidade.
<http://historiaxatualidade.blogspot.com.br/2010/01/hans-staden-fala-sobre-sua-passagem-por.html> . Acessado em 16 de Fevereiro de 2016.
8. Bruno, E.S. Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira.
https://books.google.com.br/books?id=DTEDrcoNvg4C&pg=PA66&lpg=PA66&dq=os+tupinamb%C3%A1s+remadores&source=bl&ots=68ijNhB3QV&sig=hL6nbyFvGK-JxLwKDhclXATFjiA&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj7xp3Foo_LAhXCD5AKHcO4BG4Q6AEILTAD#v=onepage&q=os%20tupinamb%C3%A1s%20remadores&f=false. Acessado em 22 de Fevereiro de 2016.
9. Barcelos, M.M. Ocupação humana e aproveitamento do município de Mangaratiba.
http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1959_v21_n1.pdf. Acessado em 23 de Fevereiro de 2016.
10. Corrêa, D.S. Historiadores e cronistas e a paisagem da colônia Brasil. Revista Brasileira de História 26(51): 63-87, São Paulo, 2006.

Anexo

Mapa do litoral entre São Vicente (SP) e o Rio de Janeiro (RJ), mostrando o local onde Staden teria sido capturado pelos tupinambás (seta larga) e a barra do Ariró (círculo), onde poderia situar-se Uwatibbi. (mapa adaptado do Google® maps).

